

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest	Trim.	N.º	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 605	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	3950	3120	15 DE OUTUBRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsave Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Para Thomar se voltam agora as atenções, para a terra do Nabão, a terra do Convento de Christo, uma das mais formosas do grande valle do Tejo, uma das mais pittorescas de Portugal, cheia de encantadoras recordações historicas. Mais um centenário, o de Gualdim Paes.

Cada velha terra de Portugal teve os seus heroes, cada uma quer glorificá-los. Lisboa festejou os centenários de Camões, do Marquez de Pombal, de Santo Antonio; o Porto o do grande Infante D. Henrique.

Resta saber se uma raça degenerada terá pulmões para que as exclamações de entusiasmo cheguem ao campo dos bemaventurados, levem adiante, como n'um cyclone, as folhas de loiro até aos thronos dos heroes famosos.

Deixal-o. Ha sempre vantagem n'essas festas em que a maior parte só entra por espirito de imitação, por desejo de figurar em cargo que de nas vistas, por distracção simples. Tornar conhe-

cidos os grandes vultos, cuja existencia o povo quasi sempre ignora, é abrir-lhe ante os olhos, na decrepidez em que vivemos, uma pagina gloriosa de historia, é mostrar-lhe um bocadinho de luz, é dizer-lhe que rejuvenesca, que se retempere na fonte limpida.

Páginas gloriosas são essas dos primeiros tempos da monarchia portugueza, em que o sentimento da nacionalidade vibrava na alma d'esse povo que, firme em seus direitos, educado no heroismo e na idea fecunda da liberdade, poudo mais tarde acclamar o Mestre de Aviz.

Atravez das brumas do passado rompe um sol esplendido que nos aquece.

CENTENARIO DE D. GUALDIM PAES



SANTA MARIA DO OLIVAL — PRIMEIRA EGREJA DOS TEMPLARIOS

Os vultos d'esses tempos longinquo apparecem-nos como gigantes. Gigantes foram dois reis de Portugal, o primeiro d'elles e seu bisneto Affonso III, gigantes os seus companheiros d'armas. Parece que não tinham almas para caber em corpos pequenos.

Encostavam-se as escadas aos muros, sob chuveiros de pedras, trepava-se denodadamente até ás ameias dos castellos, o escudo no braço esquerdo defendendo a cabeça das pedradas, a espada de dois gumes mettida entre os dentes, ou passava-se sobre o corpo morto d'um martyr heroico entalado entre as portas da fortaleza, para pôr a fluctuar no azul intenso do céu de Portugal a bandeira alvinitente das quinas.

Eram milagres o que fazia o pequenino bando de christãos descendo impetuosamente por essas terras desde Além-Douro até aos reinos dos Algarves.

Infundiam terror aos moiros as longas barbas brancas do primeiro Affonso. Com mais de setenta annos, noventa dizem alguns, desbaratava quatorze reis em Santarem. O Miramolim de Marrocos morria d'uma lança que lhe dera o principe D. Sancho, Pae e filho sempre os primeiros a expôr-se aos golpes dos alfanges!

*Sanctiago!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!*

O povo e o proprio rei não acreditavam que tanto pudessem forças humanas. Viam descer do céu Christo, o Senhor Deus, quando

*A matutina luz serena e fria
As estrellas do pólo já apartava.*

Era Christo quem vinha dar aos portuguezes o seu brazão d'armas, a bandeira invencivel. Fere-se a batalha de Ourique.

*Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.*

Outras vezes era o archanjo S. Miguel quem, de espada rutilante á frente das tropas, encaminhava para a victoria os portuguezes.

Para que D. Affonso Henriques conquiste Santarem erguem-se até aos pés do Altissimo as orações de S. Bernardo. E o rei, grato á intervenção celeste, lança os primeiros fundamentos do colossal mosteiro de Alcobaca.

Não era sómente a gloria que fulgia n'esses tempos sobre as fronte portuguezas; em cada peito abrigava-se a lendaria lealdade que hoje põe aureolas de luz immarcescivel nas memorias dos grandes homens. Haja vista o caso de Egas Moniz offerecendo ao rei estrangeiro a sua vida e a de sua mulher e filhos em troca da palavra mal cumprida, o do alcaide de Coimbra indo depositar as chaves da cidade nas mãos mirradas do cadaver de D. Sancho, o Capello.

Ah! foi boa raça esta, a da nossa gente!

Os arnezes vestiam-se sobre peitos rijos, que abrigavam almas immaculadas.

E assim foi educado o povo, a combater por uma idéa santa, a sacrificar-se por ella, quando preciso. O que morria era um martyr, o que vivia punha a esperança nos filhos que lhe saberiam seguir o exemplo.

O nome de Gualdim Paes, o famoso templario, brilha com luz intensa na constellação longinqua dos heroes portuguezes; bem haja portanto quem para essa estrella de tanta grandeza manda voltar os olhos, que, de tanto olharem acobrunhados para a terra, mal sabem já volver-se para tudo o que é grande, para tudo o que é bello para tudo o que é alto.

Mostrando exemplos a tomar, ensinam-se os novos caminhos a seguir, para que saiamos do marasmo em que nos fizeram adormecer miasmas delésterios de egoismos cruéis, de ambições mesquinhas, de desvergonhas e cynismos.

Volvamos tristes os olhos para o passado, mas ergamol-os depois cheios de esperança para o porvir.

As grandes glorificações historicas não nos devem apenas servir para adormecer contentes sobre louros velhos, dizendo que já fizemos o bastante. E peor do que triste, é ridiculo pensal-o, ridiculo como usar um titulo glorioso e andar bebado por uma praça publica, pedindo esmola, a arrotar pergaminhos.

Devemos olhar para esses vultos gigantes do passado, que é para melhor medirmos a nossa queda. Tenhamos, ao menos, essa coragem.

E, entretanto, de que bellissimos elementos dispomos ainda para poder recuperar a fama perdida! A coragem ainda faz parte do caracter portuguez. Quando foi do *ultimatum* da Inglaterra, ruborizaram-se de vergonha muitas faces. Rubor é sangue. O sangue ainda gira em nossas veias.

Mil exemplos o provam e escolhemos ao acaso. Os soldados portuguezes, os d'um partido e d'outro, bateram-se como leões nas ruas do Porto em 31 de janeiro, cada qual em defeza da sua idéa. Os nossos marinheiros foram prodigiosos de valor na ultima guerra da Guiné. Agora mesmo, em Lourenço Marques, estão-se batendo valentemente as nossas tropas. Não ha uma semana, foi na ordem da força armada louvado por actos de valor um soldado portuguez, que usa um appellido glorioso na historia de Portugal, D. José de Mello, e que preferiu ser simples sargento na India a não ser nada em Lisboa.

Actos de valor, muita vez desconhecidos, são praticados todos os dias n'essas cidades, por esses campos, por essas charnecas, sem testemunhas.

Portuguezes ainda são dos melhores soldados do mundo, dos melhores marinheiros. O que lhes falta hoje talvez é a idéa por que hão de gastar o seu valor, por que hão de dar, se fôr preciso, a vida.

Vá a culpa a quem tocar, o sentimento de amor da patria está muito apagado entre nós. É preciso soprar n'essas cinzas, preciso atear o incendio. É necessario que todos nós possamos ler os **LUSIADAS** comprehendendo-os e sem nos correremos de vergonha, quando chegarmos aquelle verso:

Esta é a ditosa patria, minha amada!

O cynismo de certos luctadores pela vida, ainda mais infames do que diligentes, abre sorrisos desdenhosos em faces desvergonhadas, ao falar-se d'um dos mais bellos sentimentos que podem desabrochar em almas. Em mau caminho vão que estão para renegar a familia. Quem hoje vende a patria, ha de conspurcar amanhã, especulador, o leito conjugal. É fatal o declive. O amor da patria é o amor da grande familia portugueza, dilatação do amor que temos á nossa familia.

É preciso desprezar os indifferentes, cuspir em quem fez de palavras sagradas em todas as linguas—Amor da patria, patriotismo—duas obscenidades.

JOÃO DA CAMARA.

O EUROPEISMO E O NATIVISMO NA INDIA PORTUGUEZA

Comprehende-se o *européisimo* na *India Inglesa*, paiz enorme, colossal, habitado por uma população quasi igual á da Europa, composta de diferentes raças, de diferentes castas, que se odeiam mutuamente, de diferentes religiões, e cujos odios se afogariam em sangue se a mão vigorosa da Inglaterra lhes não sustivesse os impetus.

Comprehende-se o elemento europeu armado até aos dentes e prompto ao primeiro signal a reprimir as revoltas, as resistencias contra o seu dominio e ascendencia.

Comprehende-se ainda assim o empenho do governo britânico em moderar todos os impulsos aggressivos, em acalmar os odios pela instrucção, pelo trabalho, pela religião, n'um intuito d'amalgamação.

A *India Inglesa* ha de crescer em riqueza e prosperidade, os seus vastos dominios serão rodeados de vias ferreas em todas as direcções, e de todos os melhoramentos inventados pela sciencia, mas a *India* ha de continuar a ser durante seculos o que é hoje, isto é um conjunto de tribus, de castas de nações, de religiões diferentes sem cohesão. Pode no andar e evolução dos tempos a mão poderosa da Grã Bretanha ceder o passo a outra mão igualmente, se não mais poderosa a da *Russia*; mas a *India* britânica ha de continuar a revolver-se no seu leito de Procusto.

É este o conceito que temos formado e formamos ainda hoje desta grande collectividade, hoje um dos maiores imperios do mundo, sob o sceptro da grande Inglaterra.

Mas o que significará o *européisimo* na *India Portugueza*? Será a *India Portugueza* uma collectividade composta d'elementos heterogenios e oppostos, que obriguem os poderes publicos na

metropole e fora d'ella a medidas preventivas e repressivas?

Deverá a *India Portugueza* ser considerada na phrase d'um alto funcionario publico que foi de Goa, Mousinho d'Albuquerque, um povo conquistado?

Questões são essas que *prima facie* não podem deixar de ser resolvidas pela negativa.

Não! A *India Portugueza* se foi um povo conquistado quando a espada do grande Affonso d'Albuquerque tingia de sangue mouro e mahratia os plains indostanicos, hoje é o povo amalgamado completamente com o elemento europeu.

Os seus filhos servem no exercito metropolitano e sobem n'elle os mais elevados postos, (vide o sr. Constantino de Brito coronel de engenheiros e um dos mais distinctos officiaes do exercito de Portugal).

Dirigem asaulas superiores (vide o sr. Agostinho Lourenço, uma das glorias scientificas de Portugal), os seus missionarios, os seus sacerdotes evangelizam na Asia e nas duas Africaes a religião catholica e coadjuvam os seus irmãos do continente do reino na grande obra de civilisação e do progresso. Com que fim se lança pois na arena dos interesses um interesse odioso e repugnante, um interesse que tende a armar as classes umas contra as outras, a fazer reviver em chammias fratrecidas, como muito bem disse a proposito das castas da *India* o sr. A. F. Nogueira dignissimo empregado do Banco Nacional Ultramarino, o odio de raça?

Se depois de quatro seculos de dominio, Portugal carecesse de voltar ao ponto d'onde partiu, ao ponto da conquista, levando tudo á ponta da espada, sem nada ter feito por essa *India*, ou muito pouco, o que seria preciso mais para revelar a sua incapacidade como potencia colonial?

Mas isso a que se tem dado na imprensa o nome de europeismo é professado por um numero de individuos, tão pequeno, inspirados nas ideias do Sr. Mousinho d'Albuquerque que seria ridiculo imaginar que elles ainda mesmo que constituíssem a maioria dos europeus na *India*, teria força ou prestigio bastante para determinar a corrente das ideias para uma tão funesta reversão do espirito publico.

O que deu logar a estas apprehensões da *India* e fora d'ella foi uma representação em forma de telegramma dirigida por alguns europeus em que se pedia em nome do prestigio da auctoridade ao ex-ministro da marinha e ultramar o sr. Antonio Ennes, hoje commissario regio em Moçambique que conservasse nas suas funcções o governador geral da *India*, o sr. Vasco Guedes, hoje commandante da divisão no Porto; cuja demissão fôra decretada pelo referido ex ministro.

Este telegramma, cuja existencia infelizmente não pôde ser contestada, porque foi publicado nos jornaes de Goa, assignado por officiaes militares, sendo um d'elles general de brigada, por magistrados de primeira e segunda instancia, por agentes do Ministerio Publico, por altos empregados da Fazenda, produziu e não podia deixar de produzir profunda impressão na *India* e fora d'ella. Se os europeus se constituíam em grupos separados por aquella forma tão categorica e diga se a verdade tão provocadora e pediam a conservação d'um governador, cuja demissão fôra annunciada pela imprensa do continente, abstrahindo mesmo das razões que tinham para o fazer, quem poderia obstar que este mesmo grupo se arrogasse as attribuições do Conselho dos X de Veneza para pedir a destituição dos futuros governadores?

Entre os signatarios não figurou o rosso humilde nome, nem o do Patriarcha da *India Portugueza*, D. Antonio Valente, nem o do ex-presidente da Relação de Goa Jozé Ennes, hoje infelizmente fallecido. Fez-se notar por essa occasião, no *Anglo-Lusitano*, que o governo inglez metropolitano reprehendera os funcionarios ingleses catholicos que se associaram a uma representação ao mesmo governo a favor da propaganda contra o padroado portuguez, e que se algum d'esses funcionarios se atrevesse a pedir em representação pelo telegrapho, em termos peremptorios, o que é mais grave a conservação ou demissão d'um funcionario que a conservação de qualquer d'esses funcionarios não se faria esperar, por honra e dignidade do poder executivo.

Não é nosso proposito nem é mesmo da indole d'este jornal alongar nos em appreciações alheias a essa indole, limitamo nos tão sómente a expor a doutrina para fazer ao nosso intuito de condemnar o europeismo.

Mas não é só o europeismo que merece ser stigmatizado, é o igualmente e por maioria de razão, o *nativismo*, que é uma outra forma anarchica e subversiva.

Dr. A. M. de Tarora

CENTENARIO DE D. GUALDIM PAES

A ORDEM DOS TEMPLARIOS



PROPAGANDA de Pedro o Bremita em favor do resgate dos logares santos do poder dos infieis, tão calorosamente feita, no ultimo quartel do seculo XI, alcançou reunir grande numero de christãos de todo o orbe catholico para, em sangrenta guerra de conquista, se apossarem da Palestina e de Jerusalem, o que levaram a cabo, elegendo rei d'aquellas terras a Godofredo de Bouillon, o mais esforçado guerreiro, que atravez de todas as difficuldades e perigos, sempre na frente do exercito christão, fez triumphar a santa causa.

A dynastia de Godofredo de Bouillon sustentou por muitos annos o poderio dos christãos nos logares santos, e isso fez com que de toda a parte do mundo christão corresse, em longas e arriscadas peregrinações, muitos peregrinos a visitarem a terra santa.

Eram, porém, grandes os perigos a que se viam expostos, no seu caminho, salteados por bandos de mahometanos que os roubavam e assassinavam ou faziam captivos maltratando-os de todos os modos, o que fez com que alguns d'essesromeiros mais felizes e corajosos intentassem, reunidos, defender e proteger os que se dirigiam a visitar aquellos logares.

Principiou por pequeno numero os novos defensores, pois, segundo parece, não passaram de nove, mas eram todos da nobreza de França á excepção de um portuguez de nome Arnaldo da Rocha, sendo o mais nobre dos francezes da familia dos condes de Champagne, Hugo de Payens ou Paganis.

Estes nove cavalleiros accordaram entre si dedicarem toda a sua vida á defeza da fé e culto christão, para o que não teriam duvida de expôr a vida aos azares da guerra, combatendo tanto no campo, como no templo, fazendo ainda voto de pobreza e de castidade e obedecendo todos ao seu superior como em boa regra de comunidade. Assim o juraram ante o patriarcha de Jerusalem, Guarimundo, e concedendo o rei Balduino II auctorisação para se instituir esta comunidade á qual deu uma casa, junto das ruinas do templo de Salomão, que fóra de Santa Helena, para n'ella se estabelecerem, o que deu causa a se denominarem, primeiro, irmãos da casa do Templo e mais tarde a Ordem do Templo, Templarios ou Cavalleiros do Templo.

Isto succedeu pelos annos de 1118 a 1119, occupando o solio pontificio Honorio II que concedeu a sua approvaçãõ á nova ordem e a fez confirmar no concylio de Troyes realisado em 1128. Foi S. Bernardo que escreveu a regra da ordem e lhe determinou o habito que deviam vestir ora na clausura da comunidade ora sobre a armadura com que iam a combater nos campos da batalha. Esse habito era branco com uma cruz vermelha sobre o peito, usando uma capa tambem branca. Como ordem militar a sua bandeira, a que chamavam *balsa*, que devia usar no campo de batalha, era branca e preta com uma cruz em vermelho ao centro tendo em volta a seguinte legenda: *Non nobis Domine, sed nomini tuo dá gloriam, que quer dizer: Não deis a nós a gloria, Senhor, mas sim ao vosso nome.* A cor branca significava a pureza e paz e misericordia para os bons christãos e a preta morte e extremínio para os infieis.

E assim se instituiu a Ordem dos Templarios que tanto se havia de propagar pela Europa e que tão gloriosos feitos havia de commetter.

diam a propagação da fé e os direitos divinos, a austeridade de uma vida virtuosa, observando a mais stricta obediencia á regra que tinha como preceito a sublime doutrina do Evangelho.

Da Palestina se espalharam pela Europa e em toda a parte eram respeitados e acolhidos como cavalleiros exemplares de virtudes christãs o que fazia grande destaque no meio da barbaria da idade media. Assim os monarchas lhe confiavam a guarda dos seus thesouros e os enchiam de dadas com que enriqueceram a ordem, chegando esta a possuir tão grande numero de propriedades em diversos paizes, que o seu rendimento se calculava superior a cem milhões de libras, além do senhorio de muitas villas, castellos e praças de guerra, competindo a seus grão-mestres em gerarchia com os mais illustres principes.

Portugal foi das nações que primeiro se honrou com a implantação no seu solo, da ordem dos templarios, a qual segundo as mais auctorizadas opinões, teve logar durante a regencia de D. Theresza, viuva do conde D. Henrique, durante a menoridade de D. Affonso Henriques.

A instituição da ordem dos Templarios em Portugal realisou-se antes d'esta ser confirmada pelo concylio de Troyes, em 14 de janeiro de 1128, pois se encontram documentos que provam já existir em o nosso paiz, em 1126, pelo que se reconhece que esta ordem é coeva com a fundação da monarchia portugueza, que ajudou poderosamente a constituir e consolidar, auxiliando D. Affonso Henriques na expulsão dos moiros da península, e com tal valor se houveram os cavalleiros do Templo na conquista de Santarem, que o primeiro rei portuguez lhe deu a jurisdicção ecclesiastica d'esta terra.

Mais tarde o mesmo monarcha, depois da tomada de Lisboa, deu em troca aos templarios o castello e terrenos de Cêras, por effeito de litigio havido com a curia sobre a jurisdicção ecclesiastica d'aquelles em Santarem. Essa doação teve logar no anno de 1159, sendo a esse tempo mestre da ordem D. Gualdim Paes, um dos estorçados guerreiros que combateram ao lado de D. Affonso Henriques e que este monarcha havia armado cavalleiro em Ourique, no anno de 1139.

É evidente que D. Gualdim Paes não foi o primeiro mestre da Ordem dos Templarios em Portugal, porque tendo entrado esta ordem no nosso paiz, antes dos annos de 1126, só depois de 1139 se foi D. Gualdim Paes á Palestina e entrou na Ordem do Templo, combatendo glorioso nas guerras contra os sultões do Egypto e da Syria e voltando depois á patria, onde foi elevado a commendador dos Templarios, que ao tempo (1148) tinham a sua sede em Braga.

Mas se antes de D. Gualdim Paes houve outros mestres da Ordem, pelo menos cinco, sendo o primeiro D. Guilherme Ricardo de que existem documentos por elle assignados anteriores a 1126, é todavia certo que foi D. Gualdim Paes que deu maior esplendor á Ordem do Templo ou Templarios, em Portugal, e fundou a primeira igreja e castello que estes cavalleiros tiveram em terra portugueza.

Assim foi D. Gualdim Paes que, em 1158, depois de ter edificado o castello de Pombal, do senhorio de Soure, e de ter levantado das ruinas, em que cahira, o castello de Almorol fundado pelos romanos na pequena ilha do meio do Tejo, tratou de reconstruir, nas terras de Cêra ou Cêras uma fortaleza que ali existia arruinada e erigir uma igreja, no logar onde existiam os restos de um mosteiro beneditino, logar santificado pelo martyrio de uma virgem, Santa Iria, que ali viveu, no seculo VII, junto ás margens do Thomar e depois rio Nabão, sobre os vestigios da antiga Nabancia hoje Thomar.

Dedicou a igreja á Virgem sob a invocação de Santa Maria do Olival, e empregou toda a sua actividade para lograr ver a obra concluida assim como a fortaleza, dando logar seguro aos aguerridos cavalleiros do Templo, tanto para a defeza da guerra como para a oração e praticas religiosas da ordem.

E d'este modo teve a ordem dos Templarios a sua primeira igreja e castello em Portugal.

A igreja de Santa Maria do Olival é de singela architectura, como singelos eram os tempos em que foi construida. Mais severa que elegante, mais respeitavel do que rica, a sua architectura transporta a épocas gloriosas como uma pagina aberta da historia patria, dos principios da fundação d'esta monarchia. Se o edificio tem pouco que ver na sua apparencia exterior, como se observa

na gravura que illustra este artigo, o seu aspecto interior não tem mais belleza.

É de tres naves e na do sul tem cinco capellas, obra posterior á sua fundação, mandada fazer por el-rei D. Manoel e seu filho D. João III.

N'esta reconstrucção ou mal cabido enxerto feito no interior do templo, não pequeno desacato se commetteu com a demolição dos tumulos onde jaziam os restos dos mestres da ordem incluindo o do proprio D. Gualdim Paes.

As cinzas existentes n'esses tumulos foram transferidas para as cinco capellas novas e só os restos do fundador d'aquella igreja, que tanto opulentara a ordem, escaparam do eterno esquecimento, pois lhe gravaram uma inscripção, que se vê na segunda capella, para onde os trasladaram.

Diz essa inscripção:

Obit frater Gualdinus magister militum templi Portugalis, era millesima ducentessima trigesima tertia, tertio Idus Octobris Hic castra Tomaris cum multis alijs populavit; requiescat in pace.

Que quer dizer:

Falleceu frei Gualdino, mestre dos cavalleiros do Templo, em Portugal, aos treze de outubro de mil duzentos e trinta e tres. Este com outros muitos povoou o Castello de Thomar. Descance em paz. A era de 1233 é a de Cezar que corresponde á de Christo de 1195.

E eis porque os thomarenses celebram agora o centenario do glorioso D. Gualdim Paes, cujo setimo centenario da sua morte passou no dia 13 do corrente mez.

Não tardou que D. Gualdim Paes, reconhecesse quanto era improprio para a principal fortaleza da ordem, a que tinha construido sobre o arruinado castello de Cêras, pela aridez e pouca elevação do sitio, o que o levou a procurar logar mais apropriado para o effeito e que encontrou em um monte, na margem direita do rio Nabão, com duas vertentes de grande altura, sobranceiro a uma estensa planicie, acrescendo a circumstancia de não se distanciar muito da sua igreja de Santa Maria do Olival.

Por uma lapide mettida na parede do templo se sabe que D. Gualdim Paes deu começo ás obras da nova fortaleza, em 1195.

Esta lapide diz o seguinte, traduzido em vulgar: *No primeiro de março de 1198, reinando Affonso, illustrissimo rei de Portugal, Gualdim, mestre dos cavalleiros do Templo em Portugal, começou juntamente com os seus freires, a edificar este Castello, cujo nome é Thomar; o qual estando acabado, el rei o offerceu a Deus e aos cavalleiros do Templo.*

Com a construcção do Castello cuidou D. Gualdim Paes de fundar uma povoação que se estendeu pela planicie, e a que o seu fundador deu o nome de Thomar, que então tinha o rio, hoje Nabão em memoria da Nabancia romana que elle banhou. E assim teve principio a hoje cidade de Thomar.

Por 1162 havia D. Gualdim Paes dado principio á construcção de um templo para a sua ordem proximo ao Castello que depois construiu. Esse templo de forma octogona, todo de pedra corado de ameias e de architectura desataviada de ornatos em sua simplicidade e respeito foi mais tarde ampliado por el-rei D. Manuel e D. João III, como adiante se verá.

A ordem do Templo attingio o seu maior esplendor, augmentando em cada dia a fama das suas armas, na conquista das terras aos moiros com que foi engrandecendo o reino, secundando os estorços que D. Affonso Henriques fazia para augmentar os seus dominios.

Com as victorias alcançadas cresciam-lhe os bens, em doações de terras que o monarcha lhes ia concedendo, e o prestigio e poderio que a ordem do templo alcançava por todo o mundo não era inferior em Portugal.

Entretanto esse esplendor devia ter o seu occaso e assim succedeu.

Veio lhe o golpe mortal de França onde, Philippe IV, o Formoso, lhe votou guerra de extremínio.

Este monarcha cheio de vaidade e sequiso de riquezas dirigiu as suas vistas para os Templarios, que faziam soaibra ao seu poderio e cujos bens surriam á sua cubiça.

Por estes tempos tambem a ordem dos Templarios; esquecendo a humildade christã da sua regra e todas as praticas virtuosas que jurara seguir, abusava do poder e da força de que se achava senhora, e praticando actos contrarios á sua

A fama dos templarios echoando por todo o mundo atrahiu á Palestina muitos filhos das casas mais nobres de toda a parte, entusiasmados pelas virtudes e valor dos Templarios, o que fez com que em poucos annos a Ordem alcançasse tal importancia e respeito que bem se poderia considerar um estado no estado que todos acatavam.

E não podia deixar de ser, porque os templarios reuniam ao heroismo guerreiro com que defen-

regra, chegou até a virar as suas armas contra os christãos, como aconteceu na ilha de Chypre e principado de Antiochia, expulsando do throno de Jerusalem a Henrique II rei christão, e ao duque de Croacia, invadindo a Thracia e a Grecia e indo atacar junto do Santo Sepulchro, os cavalleiros da ordem do Hospital, que depois vieram a ser de S. João de Jerusalem e por ultimo de Mala.

Assim se Philippe IV de França procurava destruir a ordem do Templo, os Templarios o auxiliavam n'esse intuito com o desregramento da sua conducta e fazendo atear no povo os odios contra si provocaram a peor de todas as guerras, a que o fanatismo accende e propaga.

Philippe IV soube aproveitar bem as armas que lhe offereciam, e apesar da grande auctoridade e força de que dispunham os Templarios, de toda a influencia que tinham no pontificado e na nobreza, aquelle rei conseguiu obter do papa Clemente V, que elle propositadamente protegera para o elevar ao solio pontificio, a extincção da ordem do Templo, com confiscação de bens em proveito da coroa de França, sendo a maior parte dos seus membros e chefes iniquamente condemnados á fogueira, a que não escapou o proprio Jacques Molay, Grã-mestre da Ordem, depois dos mais arbitrários processos e sentenças votadas por juizes venaes, sob as imposições de Philippe IV.

A extincção da ordem dos Templarios foi confirmada no concylio de Vienna de 1312 e desde então não podiu existir em parte alguma, tendo, portanto, que ser extincta em Portugal.

Reinava então o rei D. Diniz que, com a sua sabedoria e prudencia defendeu quanto pôde aquella ordem, pois era certo que em Portugal se manteria sempre na sua devida altura, não lhe dando as continuas guerras em que sempre andou empenhada contra os mouros, tempo para se desmoralisar nos remansos da paz.

El-rei D. Diniz conseguiu salvar os bens da Ordem da confiscação do Papa e livrar os seus cavalleiros das perseguições e injustiças que lhe foram feitas em outros paizes.

Para alcançar este resultado sem desobedecer ao Papa, nem desprestijiar a auctoridade real, foi mister muita prudencia e bom senso, junto a um grande amor da justiça, que não faltava no bom rei portuguez.

Assim obteve que, em substituição da Ordem dos Templarios em Portugal, o papa João XXII lhe approvasse a criação de uma nova milicia de cavalleiros guerreiros para defesa da fé e guerra contra os mouros, denominada Ordem de Christo, passando para esta os bens da ordem extincta assim como os cavalleiros que n'ella se quizessem filiar.

Para mais facilidade em obter a approvação pontificia, declarou el-rei D. Diniz ao Papa, que a nova ordem se estabelecerá no ponto mais da fronteira e proximo dos mouros d'Africa, sendo esse ponto o do Castello de Castro Marim, onde se estabeleceram os primeiros cavalleiros de Christo.

E aqui está como se extinguiu em Portugal a ordem dos Templarios e foi criada a ordem dos cavalleiros de Christo, que tanto haviam de engrandecer tambem o nome portuguez.

Foi a 14 de maio de 1320 que se celebrou solemnemente, em Santarem, a instituição da Or-



O AQUEDUCTO

CONVENTO DE CHRISTO E CAPELLA DOS TEMPLARIOS
O MONUMENTO DE THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS

dem de Christo, que só no anno seguinte se instalou no Castello de Castro Marim, que para esse fim soffreu grandes obras.

A builla do Papa determinou que esta ordem se regesse pela regra de S. Bento e reformation da de Cister, sendo sujeita ao D. Abade de Alcobaca da mesma ordem de Cister ou de S. Bernardo.

A constituição da ordem foi feita por D. frei Gil Martins, mas soffreu muitas alterações até o reinado de el-rei D. Manoel. O seu habito, tambem branco, soffreu alterações até que, em 1503 el-rei D. Manoel ordenou que constasse de um manto branco que cobrisse inteiramente o cavalleiro,

tendo na parte superior á altura do peito uma cruz vermelha de haste mais comprida que os braços e fendida no meio em outra cruz.

Havia na Ordem de Christo seis postos ou dignidades que constavam de *Mestre, Dom Prior mór, Comendador, Claveiro, Sachristão mór e Aferra*, cabendo a cada uma d'estas dignidades determinadas attribuições no governo da ordem.

Não são menos gloriosos os factos d'esta ordem em relação aos dos cavalleiros do Templo, pois não só continuaram os cavalleiros de Christo nas guerras contra os mouros e até contra Castella com que foram assegurando e alargando o dominio portuguez na Península, mas tomaram parte im-

portante nas grandes descobertas dos portuguezes no seculo XVI.

Parece que foi no reinado de D. Fernando que a Ordem de Christo mudou a sua sede para o Castello e Capella dos Templarios em Thomar.

Por este tempo occorreu a eleição para mestre da ordem, de D. Lopo Dias de Souza, sobrinho da rainha D. Leonor que, apesar de D. Lopo só contar doze annos de idade e não pertencer á ordem de Christo, ella conseguiu que o Papa por fim approvasse esta eleição, ficando a ordem sob uma administração durante a menoridade de D. Lopo.

Foi D. Lopo Dias de Souza, d'onde descendem os duques de Palmella e de Lafões, um dos mes-

tres mais notaveis da ordem pela parte importante que tomou com o mestre d'Aviz nas guerras contra Castella e na conquista de Ceuta, em 1415.

A D. Lopo succedeu no mestrado da ordem o Infante D. Henrique e á esse o periodo de maior gloria e esplendor para os cavalleiros de Christo pela parte importante que tomaram nas descobertas do novo mundo, sob a direcção d'aquelle benemerito e sabio principe que tão bem soube eternizar o nome portuguez.

A ordem dos cavalleiros de Christo concorreu com os seus braços e com as suas grandes rendas para as despesas das descobertas, e para isso não lhe escaciavam os recursos, pois todos os monar-

chas portuguezes lhe deram muitos senhores e jurisdicções espirituas com os redditos inherentes.

El-rei D. Affonso V foi dos mais generosos para a ordem e não menos El-rei D. Manoel, que durante o seu mestrado a encheu de beneficios em que se conta a ampliação do edificio religioso, acrescentando á capella dos Templarios o corpo da igreja que ainda hoje existe, cuja architectura externa, principalmente, encerra as maiores bellezas do estylo manuelino.

E assim se converteu em sumptuoso templo a severa e simples capella dos Templarios, sendo o edificio ainda augmentado em outros reinados incluindo o dos Philippes de Hespanha, para quem a ordem de Christo, já então convertida em simples ordem religiosa, mereceu particular protecção.

A el-rei D. Manoel succedeu no throno seu filho aclamado com o nome de D. João III.

O espirito altamente religioso, ou melhor fanatico, d'este monarcha, levou-o a reformar a ordem de Christo, com approvação do Papa Adriano VI, transformando-a em ordem religiosa ou somente monastica, mudando os aguerridos cavalleiros, que tanto haviam illustrado as armas portuguezas, em meros frades encerrados nas paredes da clausura, e obtendo depois do Papa Julio III, por bula de 1551, que o mestrado da mesma ordem fosse incorporado na curia.

Esta reforma determinou a decadencia da brilhante ordem de Christo, pois que perdendo a sua feição militar, reduzia-a a uma ordem civil, apenas restou o seu emblema, a cruz de Christo, para galardear os serviços prestados á patria por aquelles de seus filhos que mais se distinguiram.

De pouco valeram as obras com que D. João III engrandeceu o monumento de Thomar, no sentido de melhor appropriar o templo ás necessidades da vida conventual. O edificio cresceu em grandezza e em riqueza, mas os seus moradores minguardaram em importancia e poderio, sendo manifeste a decadencia moral da ordem nos calamitosos tempos do dominio de Castella, n'estes tempos. A predilecção manifestada pelos Philippes em favor dos freires de Christo, faz até suppor que aquelles monarchas usurpadores encontraram homagoio n'aquella ordem, que antes tanto se distinguira pelo seu nunca desmentido amor da patria.

Para lhes diminuir o prestigio e importancia, veio ainda depois D. Pedro II derogar a condição estabelecida, de ser preciso provar a nobreza em quatro gerações para alguem receber o habito d'aquella ordem.

E de decadencia em decadencia chegou a ordem de Christo até nossos dias, bem differente do que foi outr'ora, não lhe restando sequer o caracter religioso, sendo difficil de avaliar qual se acha hoje em maior ruina, se o templo dos freires de Christo teatro de glorias passadas, se o valor moral da mesma ordem, malbaratado pelos governos, em mercês facéis e tantas vezes mal cabidas.

Eis-nos chegados ao termo d'estas linhas, em que pretendemos esboçar a traços largos, tanto quanto o permittiu os limites de um simples or-

tigo, a historia da ordem do Templo e da sua successora a ordem de Christo.

Pareceu-nos interessante relembrar estas velharias, n'esta occasião, em que os filhos de Thomar celebram o setimo centenario da morte de D. Gualdim Paes, o notavel mestre portuguez da ordem do Templo e que tanto lidou em lhe dar lustre e bem a estabelecer em Portugal, correndo nos ainda o dever de, n'estas tão portuguezas paginas do Occidente acompanharmos e louvarmos a iniciativa dos cavalheiros que levaram a effeito uma festa tão patriótica que recorda as epochas mais gloriosas de Portugal.

Caetano Alberto.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

X

(Continuado do numero anterior)

O exercito ao qual nos viemos ajuntar em Orolésia tinha, alem dos muitos contras, a sua frente um general tão decrepito de espirito como de corpo. A vulgarissima intelligencia reunia um dos deileitos que mais deslustram qualquer cabo de guerra—a indecisão.

Os seus actos denunciavam, a cada momento, eterna desconfiança para com seus aliados, e não menos constante ciúme do seu commandante.

O nosso exercito offerencia um exemplo, na pessoa de Lord Macduff, de um d'esses seres privilegiados que sabem furta-se, a tempo, a indolencia do rico, e empenhar-se de alma e coração a favor de qualquer causa nobre e elevada.

A 21 do mez, jantaram juntos os dois commandantes em chefe; e Sir Arthur Wellesley, no intuito de retribuir a Cuesta o alardo militar que este lhe offerecera em casa de Puertos, quando o primeiro veio de Placencia a visitá-lo, mandou, á tarde, formar em paráda as tropas britannicas, salvo, todavia, a divisão do general Mac Kenzie, que marchava na avançada do exercito. Viu-se ali logo, no acto de montar a cavallo, até que ponto Cuesta estava incapaz de participar dos trabalhos e fadigas da guerra. Foi içado á altura do selim por dois granadeiros, e entrementes, no lado opposto, um dos seus ajudantes de ordens passava a perna do general por cima da anca do cavallo e enfiava-lhe o pé no estribo! Conforme se pode supor, não faltou nas fileiras quem murmurasse que, se a energia e a actividade mental do commandante não lograssem compensar o seu estado inferno e decrepito, Lord Wellington, n'elle encontraria decerto auxiliar bem insufficiente. Ao cahir da tarde, o general das forças hespanholas passou revista, da ala esquerda para a direita, a toda a linha, e vimol-o depois, muito aconchegado pelos ajudantes em uma antiquadissima berlinda esquinada, á qual puchavam nove muarses, seguir com todo o vagar, caminho de seus quartéis.

No dia 22 de manhã, estivamos á vista de Talavera de la Reyna, povoação que tão celebre veio a ser depois nos annos militares da Inglaterra. A cidade, observada a distancia de 3 milhas, surge por entre cortinado de arvoredo e muros de quintas; e ficam-lhe á mão direita uns montes escarpados, que indicam por onde corre o Tejo. Do lado esquerdo, os muros e as sébes prologam-se, para áhi obra de uma milha, até que o terreno começa a ondular em outeiros e colinas, que se espraiam nos valles, aos quaes traçam limite, ao fundo, uns cabeços mais elevados. Entestam estes terrenos vãos com uma extensa planície que defronta a cidade, e que é cortada pela estrada de Orolésia, a qual, pouco a pouco, e á medida que se vae aproximando de Talavera, perde-se por entre bacellos e boiças. Em meio da planície estava postada uma força de cavallaria, oitocentas ou mil praças, quando muito, tinham-se apejado e, com todo o seu descanso, para ali estavam, pois bem sabiam que o conter em respeito a cavallaria hespanhola, que lhes tomava a frente, seria obra para duas ou tres escaramuças. Os hespanhoes, sob o commando do Duque de Albuquerque, haviam passado o Tejo em Puente del Arzobispo, e estavam a ponto de se avistarem com as avançadas francezas. Em vez, porém, do natural empenho em manifestarem, na presença de seus aliados, provas de denodada actividade,—elles que a tão pouco se arriscavam, visto como o seu numero era cinco ou seis vezes o dos inimigos, não fizeram a minima tentativa de ataque, e contentaram-se apenas em se desdobrarem, com formidavel alardo, em varias e extensas linhas.

Espantados de tal despiante, fomos ter com elles: eram uma força de guerrilheiros a cavallo, e

trajavam ao modo dos lavradores e gente do campo. Quando, porém, esperavamos vel-os vantajosamente envolvidos com os francezes, informados como fomos de quanto valiam na guerra irregular, adquirimos a certeza de que eram totalmente incapazes de fazer frente nos atiradores francezes, que os levaram de roldão, e metteram em circulo apertado. Serviam-se das armas com tanto descuido e impericia tal, que um d'elles, quando fez fogo, por um triz que não dá cabo de um official inglez, que lhe ficava ao alcance.

Andaram os hespanhoes cerca de quatro horas envolvidos na escaramuça, até que chegou a brigada do general Anson, á qual, desde logo, sem previo aviso, e como se isso fora a coisa mais natural d'este mundo, consentiram que rompesse pelos intervallos dos seus esquadrões; e ao mesmo tempo, estes heroes, confessando assim implicitamente a nimia incapacidade e falta de brio marcial, reconheciam, mau grado seu, a existencia d'este ultimo predicado em seus aliados, e prorompiam em repetidos vivas!

Mal nos viram avançar, os francezes retrahiram-se sobre o lado esquerdo da cidade, galopando atravez a planície, coxendo-se com os tapumes dos cerrados, e respondendo ao tiro de nossos fusileiros. Os hespanhoes deviam-se para a direita, ao longo da estrada real, e não foi trabalho dos mais leves para os nossos officiaes convencê-los a entrar na cidade, a qual soubemos ter sido, ha pouco, abandonada por uma força de quinhentos ou seiscentos homens de infantaria. O general Stewart, chefe do Estado Maior, conseguiu afinal persuadir os officiaes dos guerrilheiros, a que seguissem o inimigo que retirava pela magnifica estrada de Madrid, que tem de largura nada menos de 150 jardas! Viemos, pois, accossando de perto as forças francezas, repartidas em duas pequenas columnas, e o general Stewart, á frente da cavallaria hespanhola, accommetteu uma d'ellas. O resultado d'este ataque não desmentia quanto n'aquelle dia viramos praticar a nossos aliados, que ali deram mais uma prova da sua falta total de disciplina e coragem militar. Tanto na primeira como nas successivas investidas, e ainda que commandados por inglezes, assim que receberam o fogo do inimigo, viraram de rédea e fugiram cada qual para seu lado! E todavia na participação d'este recontra, expedida por Cuesta, o general chamava a isto uma intrepida carga de cavallaria!

Covardia e crueldade, em geral, correm parellhas, e estes mesmos hespanhoes, tão esquivos em se medirem com o inimigo incolume, trucidavam, a sangue frio, os pobres feridos e os muribundos que a columna dos contrarios, no acto da retirada, deixara prostrados pelo caminho e que a nossa artilheria varejara, quando a mandamos avançar por ter sido repellido o ataque da nossa cavallaria. Aggravavam ainda a barbaridade de taes actos, acompanhando cada facada com invectivas e dirigindo aos miseros ironicas ameaças de não tornarem a por a vista em cima de suas moradas, em Paris! A facção da columna inimiga que tomara pela esquerda, foi cedendo terreno á nossa cavallaria e retirou umas quatro milhas para alem da cidade. A brigada de Anson tentou uma carga contra uns 1500 homens de cavallaria franceza, mas a posição que estes occuparam tornara-os inatacaveis:—estavam postados para alem do leito do Alberche, rio que corre, na extensão de duas milhas, em anglo recto com o Tejo, e vem desaguar n'este ultimo. O inimigo foi deixando avançar os nossos, e rompeu, então, o fogo com duas peças e dois obuzes que, emquanto não conseguimos pôr-nos fora do alcance da pontaria, nos causaram algumas perdas.

Um dos cavallos da brigada, ao qual uma bala de artilheria levou um quadril, com as entranhas de rôjo, assim mesmo, coxeando nas tres pernas, assim mesmo esforçava por entrar outra vez na forma!

Continúa)

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 604)

XX

HISTORIA EXTERNA GERAL DOS MANUSCRIPTOS. OS ESCRITORES E OS SEUS TRABALHOS

Não é nova a idéa que presidiu á collecção d'estes apontamentos, desde alguns seculos, e muito especialmente do xviii em diante, se tem occupado alguns homens de letras de descrever, ou simplesmente de dar noticia, dos manuscritos antigos guardados nos archivos e nas bibliothecas. D'ahi, a revelação da existencia de muitas preciosas

sidades artisticas e riquezas litterarias completa, mente ineditas.

Assim: Asseman, Casir, Durando, Ernesto de Franknau, Fontelle, Hamel, Martens, Mabillon-Montfaucon, Rymer, Vaines, Vanpraet, d'Agnicourt e muitos outros deram a conhecer á Europa avultado numero de thesouros de que não havia a mais simples noticia.

A formosa phalange que acima citamos devem a Historia e a Arte grandes trabalhos filhos de aturados estudos. Mas infelizmente, apesar de que desde a Inglaterra até á Italia essas investigações se fizeram, Portugal todavia não lucró muito d'ellas.

Apenas o Visconde de Santarem, Ferdinand Denis, Morel Fatio, Racinski, Abbade de Castro, Tabora, José Feleciano de Castilho, Bermudes Robison, Frei Francisco de S. Luiz, Philippe Simões e Vilhena Barbosa deixaram uma ou outra indicação, mais ou menos desenvolvida, sobre manuscritos illuminados.

Ferdinand Denis foi porventura o mais completo; e na sua introdução á copia do Missal de Estevão Gonçalves muito ha que aprender.

Sousa Viterbo, D. José Pessanha e Ramalho Ortigão tambem alguma coisa tem escripto n'este assumpto.

Na peninsula hispanica é certo que as letras e as sciencias tiveram, em muitas epochas, incremento notavel; e do seu auge ou do seu maior desenvolvimento nas eras mais remotas ainda hoje se encontram monumentos que nos testificam a importancia atingida.

Os reinados dos Ommiadas, Abderrahmán I, Hexám e especialmente o de Abderrahm III esmalta a prosperidade do califado de Cordova nos seculos oitavo e nono, dando os aureos tempos do extraordinario esplendor das artes, das industrias, das sciencias e das letras, que tanta gloria deram á peninsula.

Se consultamos o celebre geographo grego Strabão, ou o biographo Plutarcho e outros escriptores como Justo Lipsio, isso mais nos parece verdadeiro e o, nem ao menos alguns manuscritos gregos e latinos, não terem chegado até nossos dias,—é devido seguramente á assolação dos vandalos que Gonderico trouxe do norte e dos suevos que Hermenerico commandava; isto deu-se durante o iv seculo.

Já o erudito Pancraciano, n'um discurso, proferido no Concilio de Braga, disse: que, muito embora a peninsula gozasse de inteira segurança desde o estabelecimento de Eorico até á invasão arabe, e ainda durante o reinado dos vinte e cinco reis godos que precederam Rodrigo, os manuscritos conservados nos conventos que se fundaram, n'esta parte occidental da peninsula, n'aquelle periodo, decerto se perderam com as terriveis devastações que, no seculo viii, os normandos aqui praticaram.

O mesmo se deu com as tropas de Abdallah quando perseguiram o vali rebelde de Lisboa e assim successivamente com as de Ordonho n quando este fez a guerra contra os mouros do occidente da peninsula. Depois, a expedição do rei D. Ramiro II que chegou até Lisboa; e apoz, pela funesta correria de Almansor que tomou as tres mais antigas cidades portuguezas: Braga, Coimbra e Lamego, aonde existiam manuscritos de valor que, se por acaso foram poupados d'esta vez, não escaparam aos almoravides que estiveram aqui no seculo ix, e finalmente pela destruição que os proprios exercitos christãos faziam nas bibliothecas creadas pelos mussulmanos.

E' só do seculo xii em diante que os manuscritos nos começam ficando, e os mais notaveis pelas suas illuminações só posteriormente nos apparecem.

Querem alguns auctores que as miniaturas nos seculos v até ao x fossem muito boas. Não conhecemos, em Portugal, um unico exemplar sequer pelo exame do qual possamos fazer fé.

Os manuscritos que conhecemos illuminados, são do seculo xii em diante como se vê d'aquelles de que tratámos.

(Continúa).

Estevos Pereira.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do n.º 604)

Descrevel-o-hei pelas minhas proprias impressões, pedindo desculpa aos mestres, se assim metto foice na seara alheia.

Pode tão vasta composição dividir-se por si mesma em duas partes, como succede com a *Transfiguração* de Raphael: a superior, e a inferior; o pensamento, e a obra; a idéa, e a execução; o ceo, e a terra.

Na parte superior vê-se o Padre Eterno em gloria, entre um admiravel grupo de Anjos, que o seguram n'uma nuvem. Na mão direita brande como rei dos ceos sceptro de ouro; na esquerda sustem o calix da Redempção, e parece ter acabado de receber-o das mãos do Filho.

Na parte inferior do quadro vê-se Christo ao meio, em pé, magestoso e digno, mas suavissimo, sorrindo melancolicamente para o espectador. Adoram n'ô de joelhos, em extase, cinco formosos Anjos adolescentes, symbolizando talvez as partes do mundo avassalladas por Jesus.

N'este vulto sereno do Divino Mestre não quiz o autor figurar o Jesus do Calvario, o Nazareno militante, o Homem da angustia suprema; pintou antes o Christo do ceo, o Christo triumphante, o Christo das alegrias eternas, o Homem Divino, já revestido da côr do azul immarcessivel; Nas mãos e nos pés conhecem-se lhe as chagas da crucifixão, mas conhecem-se-lhe apenas, na fronte luminosa, na casta fronte gloriosa, rutilam já todas as satisfações intimas do cumprimento da missão.

A baixo do Salvador arrasta-se a vencida serpente, odienta e lubrica, tentando ainda, mas em vão, recobrar a maçã do paraizo.

A mão direita do Filho de Deus ergue-se suspensa na attitude larga e magnanima de quem abençoa. O globo vê-se ao lado d'Elle, sobreposto do alteroso madeiro da Cruz, que Elle sustem com a mão esquerda, isto é, com o lado do coração. A arvore da Redempção eterna firma-se no globo, e ergue o seu vulto austero, rectilíneo, rápido até ao grupo superior, formando assim o elo mysterioso entre os ceos e a terra. É a ponte sobrehumana da eterna ligação; é a escada mystica dos anhelos e das aspirações terrenas para as regiões de além-mundo.

Aos pés de Christo uma caveira esquecida symbolisa a morte, que Elle soube vencer.

Passa toda esta scena em opulento jardim, com um rio á direita, para além do qual se entrevê ao longe o raio ferindo um idolo de bronze, entre o espanto e clamor de dois sacerdotes das seitas destronadas.

A linha esthetica primaria, que liga artisticamente os dois grupos, parte da frente do Padre Eterno, desce ao calix, ao joelho, á oza do Anjo de costas, á cabeça, á cintura, e ao pé esquerdo de Christo.

As linhas todas do grupo superior convergem harmonicamente, segundo a regra, até á frente do Padre Eterno; assim como todas as do grupo inferior convergem na frente do Homem-Deus.

Os dois grupos ligam-se tambem, já pela Cruz, cujo madeiro se ergue desde a terra até ao ceo, já pela linha vertical do fuste das columnas de um templo pagão, que, para equilibrar a linha da Cruz, se avista á esquerda, e que symboliza talvez o esquecido polytheismo.

Os Anjos, principalmente os de baixo, são os mais lindos que é possível: esbeltos formosos, intelligentes, bons, grandiosos, teem tudo!

Que bello quadro depois de analysado e saboreado com vagar! A sua affirmacão esthetica pertence á harmonia vertical; e é notavel a arte suprema, com que todas as obliquas tendem para aquella affirmacão, que é a linha do pensamento, a linha grande a linha intellectual.

Como execução, é este quadro (apesar de alguns desleixos de desenho) um primor de facilidade, com os seus *lagurs resolutos e virgens* (segundo uma feliz expressão de Volkmar Machado ao fallar de Bento Coelho) e as suas tintas frescas, risonhas e bem fundidas.

N'uma palavra: é tudo hoje por um dos mais primorosos adornos da sé de Lisboa. Gloria a Pedro Alexandrino!

E com isto dou por finda a minha analyse do quadro, analyse tímida apresentada aos entendedores como conjectura, e á memoria do insigne mestre como homenagem.

Subamos agora o templo.

A porta travessa do lado do norte sobre a rua do Limoeiro, jaz em sepultura raza o insigne D. Rodrigo da Cunha arcebispo de Lisboa desde 1636 até 1643. Era D. Rodrigo da Cunha character nobilissimo, e todo o respeito que se lhe presta é-lhe devido.

Acha-se ligado o seu nome ao feito extraordinario da restauração de 1640, e a historia ecclesiastica do reino deve-lhe livros conscienciosos e eruditos, que o immortalisaram.

É um dos maiores luminares da nobreza e da egreja de Portugal.

Foi primeiramente sepultado na egreja de Sancta Catherina, que julgo era enterro da casa dos Cunhas. Seu sobrinho D. Pedro Alvares da Cunha o mandou trasladar para a Sé em 1702, para o pé dos degraus da porta travessa, a quem chamam do Ferro, diz D. Antonio Caetano de Sousa.¹

Como sou muito devoto do illustre prelado, procurei com attenção a sua campa, depois de vér já na casa se esquecer a d'ella a tradição oral. Grandezas do mundo!... Tive a fortuna de a encontrar, e ensino ao leitor o modo de a ver. Entrando o guarda-vento da porta travessa, ainda hoje chamada de Ferro, ou do Ferro, volte-se para a cabeceira do templo, conte 8 passos n'esta nave do norte, e dá com uma grande pedra, de 2^m.61 de comprido, o 1^m.70 de largo, onde apenas alguns restos de letras gravadas lhe denunciam sepultura. Gastaram-se desde 1702 para cá, e estão quasi de todo sumidas. Apenas se lê isto:

DOM RO... O D...
... DA ... P...
REAL D... O...
TOR... S... N...
.....

Por felicidade conservou a *Historia Geneologica* a integra do epitaphio. Eil-o:

DOM RODRIGO DA CUNHA
PAY DA PATRIA
COLLEGIAL DO COLLEGIO REAL,
DOUTOR NOS SAGRADOS CANONES
ESCRITOR INSIGNE,
INQUISIDOR,
BISPO DE PORTALEGRE, E DO PORTO,
ARCEBISPO PRIMAZ, E DE LISBOA,
CARDEAL NOMEADO,
QUE NÃO LHEITOU POR LIBERTAR A PATRIA
GOVERNADOR DO REYNO,
CONSELHEIRO DE ESTADO
FALECEO EM 3 DE JANEIRO DE 1643,
DE IDADE DE 65 ANOS.
TRASLADOU-SE NO ANNO DE 1702 POR D.
PEDRO ALVARES DA CUNHA, TRINCHANTE
MÓR DE SUA MAGESTADE. PEDE-SE HUM
PADRE NOSSO, E HUMA AVE-MARIA.¹

No principio de 1883, um moço pintor de bem fundadas esperanças, o sr. Branco Malhoa, acabou de pintar no tecto da sala principal da camara municipal de Lisboa, ao Pelourinho, varios medallhões de portuguezes celebres; entre elles lá está com o seu bigode e pera e a sua nobre physionomia revendo intelligencia (cópia de um retrato do paço de S. Vicente), o grande D. Rodrigo da Cunha. Bom exemplo deu a illustrada vereação, consagrando na sua sala de honra tantos filhos benemeritos de Portugal. Se a escolha foi talvez um pouco ao acaso, a intensão é admiravel, e todos a applaudiram; creia-o a camara.

Outra sepultura digna de menção é a do arcebispo D. Miguel de Castro; campa raza por baixo do guarda-vento da entrada principal. O seu epitaphio diz assim:

AQUI JAZ O CORPO DE-
DOM MIGUEL DE CAS-
TRO ARCEBISPO QUE
FOI DE LISBOA O QUAL

Este traço preto marca o sitio onde passa o guarda-vento.

PEDE HUM PADRE NO-
SSO E HUMA AVE MA-
RIA. FALECEO EM O PRI-
MEIRO DE JULHO DE
1625 ANOS

¹ *Hist. gen.*, t. xi, pag. 834.

² *Hist. gen.*, t. xi, pag. 824 e 825.

N. B. O epitaphio que no logar respectivo lhe attribue J. B. de Castro é diversissimo d'este. Inclino-me a que este seja renovado.

Junto d'esta lapide lê-se esta outra, tambem meio occulta pelo guarda-vento:

AQUI FOI ENTERRADO ANTO^o DE BARRROS, PROTONOTARIO PRIMEIRO, CUBICULARIO APOSTOLICO, ARCEBISPO DE BRAGA, CONIGO QUE FOI DESTA SEE, FAMILIAR QUE FOI DO PAPA CLEMENTE 2^o CAMAREIRO DO PAPA PAULO 3.^o VIVEO 60 ANOS, FALECEO A 5 DE AGOSTO DE 1551 AN.^o &

IAS AQUI TAMBEM PEDRO RODRIGUES DE BARRROS, CONIGO QUE FOI DESTA SEE, SEUSOBRIHNO MORREO DE 54 ANOS, A 10 DE MARÇO DE 1561 AN.^o &

PAULO BEZERRA DE BARRROS, CHANTRE, E CONIGO QUE FOI DESTA SEE, SEUSOBRIHNO SE MANDOU TAMBEM AQUI ENTERRAR, FALECEO DE 50 ANOS, 10 MEZES E 12 DIAS AOS 10 DE AGOSTO DE 1621 AN.^o &

Na cabeceira d'esta lapide vê-se esculpido em brixo relevo um braço de armas, que fica já no interior da nave, para dentro da madeira do guarda-vento.

Continuemos a subir o templo.

Quem pára no meio do cruzeiro, vê, como no tempo de Carvalho da Costa, oito altares; os nomes dos actuaes é que differem dos que elle enunera. Examinemol-os.

No braço esquerdo da cruz temos primeiro, a contar de baixo, o altar de Sanct'Anna. Tem retabulo de Pedro Alexandrino, dizem, representando Sanct'Anda ensinando a Virgem Maria a orar por um livro, e S. Joaquim junto d'ellas lendo tambem. Acho toda essa composição durissima.

A este altar segue pegado o do Coração de Jesus. O retabulo é tambem duro e amaneirado.

(Continua).

Julio de Castilho.



REVISTA POLITICA

Foram-me as andorinhas e com ellas a dietadura, segundo os órgãos melhor informados, que é como quem diz, recebem tanto o senha do governo, mas se não fôr essa declaracão officiosa dos ditos órgãos, parece-nos que mais se daria pela falta das forasteiras avesinhas que vem fazer os seus ninhos nos beirões dos telhados, com a mesma semcerimonia com que os dictadores forjarão decretos, do que pela alteracão havida nas boas praticas da Constitucão.

Mercê da boa paz a que este povo é dado, salvo quando lhe fallam de jesuitas a roubarem erianças para fazer oleo humano, o governo poderia ficar em dietadura todo o tempo que quizesse, que as opposições não encontrariam força para lhe oppôr, de que se pôde concluir, sem sombra de duvida, de que o povo se importa muito mais com os jesuitas que fazem oleo humano das erianças que apauham por essas ruas, do que com todos os dictadores d'este mundo, que lhe fechem as portas dos lycens aos filhos e lhes preparem uma geracão capaz de salvar este paiz, eruada a latin e mais latin, com uma boa dose de grego de ficar tudo latinisado e grego, para melhor intelligencia das complicadas questões sociaes que estão fermentando na actualidade e que serão o pão nosso de cada dia de um futuro não muito remoto.

Bagatellas com que, nem os nossos governos nem

o nosso povo se importam, muito embora já se sinta o mal latente.

O latim é que salvará tudo de preferencia a todas as linguas vivas e sciencias exactas, e é possível que assim succeda, por que afinal talvez Portugal venha a fazer fortuna fornecendo professores de latim para o universo inteiro, fortuna com que conjure todas as difficuldades economicas do seu viver, com que resolva todas as complicadas questões do seu systema colonial.

Oh! o latim é tudo para estas questões e só parece impossivel que as potencias, que andam abarbadadas com o socialismo e com a necessidade da expansão colonial, não descobrissem no latim remedio para seus males.

Deixando, porem, o latim e voltando á dictadura é preciso confessar que poucos governos tem gozado de um tão longo periodo dictatorial, com margem para fazer todas as reformas desde a que alterou a representação nacional até a que mudou a divisão administrativa, concelhia e comarcã d'estes reinos.

Se d'esta vez não fícar tudo prefeito é porque *errare humanum est*.

O termo da dictadura coincidiu com a sahida para o estrangeiro de El-Rei D. Carlos, que em viagem de pouco mais de um mez vae visitar os chefes dos estados de Hespanha, França, Italia, Alemanha e Inglaterra, o que se nos afigura de boa politica para o estreitamento das boas relações de Portugal com as potencias.

Os telegrammas até hoje recebidos da viagem de El-rei, são extremamente lisongeiros para o monarcha portuguez e, porventura, para o nosso paiz, o que, pelo menos, affirma o nunca desmentido cavalheirismo hespanhol e os primores da gentileza do povo francez.

Na ausencia do Senhor D. Carlos assumiu a regencia do reino a Rainha Senhora D. Amelia, a gentil senhora que tão bem tem sabido captar as sympathias dos portuguezes.

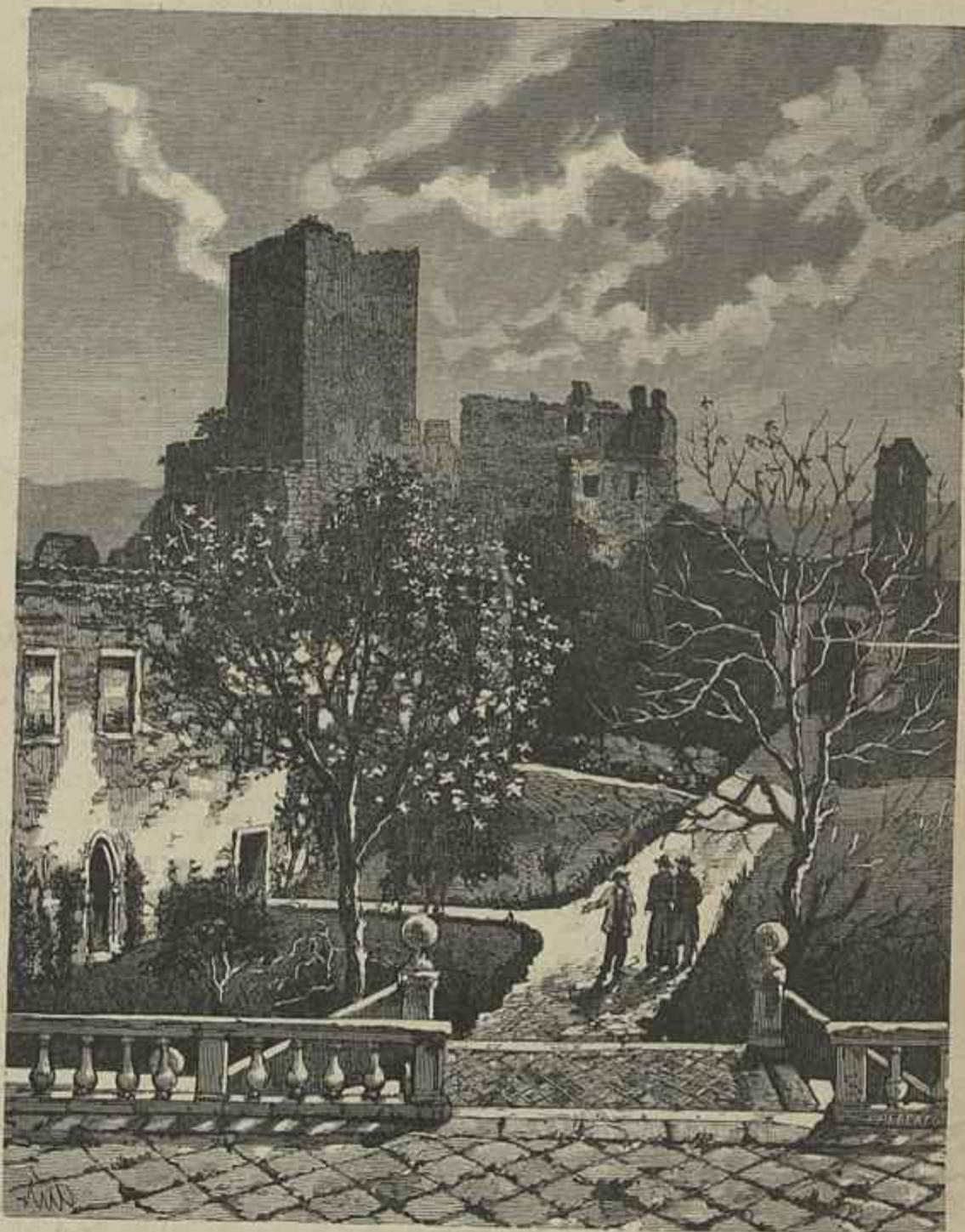
Outras alterações se deram nas altas regiões do poder, como foi a entrada de um novo ministro nos conselhos da corôa.

A interinidade do sr. presidente do conselho na gerencia da pasta dos negocios estrangeiros foi curta, pois veio substituir o sr. Luiz de Soveral, que desde 1891 tem exercido o cargo de ministro de Portugal em Londres.

Esta nomeação foi geralme te bem recebida, porque o novo ministro é um diplomata de carreira com bastantes conhecimentos dos negocios que mais affectam Portugal, nas suas relações com a Inglaterra, a eterna questão dos nossos dominios em Africa.

O sr. Luiz Maria Pinto de Soveral principiou a sua carreira diplomatica, em 1873; addido á legação de Vienna d'Austria. De Vienna passou, no anno seguinte, a segundo secretario da legação de Berlim, e em 1881 a primeiro secretario da legação de Madrid. De Madrid foi transferido para Roma, em 1884, e logo depois para Londres, onde se conservou até agora, que veio tomar conta da pasta dos negocios estrangeiros.

CENTENARIO DE D. GUALDIM PAES



CASTELLO DOS TEMPLARIOS



CONSELHEIRO LUIZ DE SOVERAL
NOVO MINISTRO DOS NEGOCIOS EXTRANJEIROS

Ainda está na memoria de todos a parte importante que o sr. Soveral tomou na solução do conflicto havido entre o nosso paiz e a Inglaterra, como encarregado de negocios, junto ao gabinete de S. James, pela demissão do sr. conselheiro Barjona de Freitas, em 12 de setembro de 1890.

O modo como o sr. Soveral conduziu as negociações determinou a sua elevação a ministro de Portugal em Londres, em 13 de janeiro de 1891 e n'esta qualidade negociou o *modus vivendi* que precedeu o tratado de 11 de junho de 1891.

Não é, portanto, um hospede n'estes negocios internacionaes, o que permite esperar que o novo titular da pasta dos estrangeiros, faça bom logar.

João Verdades



Recebemos e agradecemos:

Luz y Sombra, periódico mensual, illustrado.
Curiosissima revista hespanhola que se publica em Nova York, dedicada principalmente aos es-

tudos photographicos. Curioso trabalho e bem feito.

Revista Theatral, publicação quinzenal de *asumplos theatraes*. Directores: Collares Pereira e Joaquim de Miranda.

Esta magnifica revista nos numeros que temos presente vem muito curiosa e bem redigida. Os seus artigos além de notaveis são momentosos e oportunos.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no preço este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 3o do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37